

## **A HISTÓRIA DAS RELATIVAS**

*Luiz Eduardo Simões de Burgos* (UESB/UFBA)  
[eduardoburgos@bol.com.br](mailto:eduardoburgos@bol.com.br)  
*Isabel Silva Silveira* (UESB)  
[isabelssilveira@yahoo.com.br](mailto:isabelssilveira@yahoo.com.br)

### **1. Introdução**

Buscou-se aqui investigar os usos das estratégias relativas, exibindo sua evolução no tempo. Para tanto, mostrar-se-ão seus usos no latim, bem como em algumas línguas românicas (português, espanhol, francês, romeno, italiano), ressaltando o uso da cópia, na sentença relativa, no latim e nas línguas românicas citadas. Serão caracterizadas, também, as relativas, no português antigo, apresentando os usos e características das relativas, nessa sincronia. Por fim, exibem-se, ainda, as relativas no português moderno, mostrando as inovações e as manutenções dos pronomes relativos.

A classificação que a tradição gramatical faz das sentenças baseia-se na dependência ou independência entre elas, sendo chamadas de coordenação (ou parataxe), se houver relação de independência, e subordinação (ou hipotaxe), se houver dependência.

Tarallo (1990, p. 161) enfatiza que a teoria sintática, defendida na segunda metade do século XX, estabelece uma configuração em que a sentença dependente aparece encabeçada por uma posição sintática, cujo preenchimento se faz pelos conectores. A essa posição dá-se o nome de complementizador/conector (COMP), estando sempre presente na configuração hipotática (preenchida ou não).

Detendo-se nas orações relativas, que estabelecem uma relação de dependência com o nome, Tarallo (1990, p. 164) observa que, em latim,

o COMP era sempre preenchido concordando em gênero e número com o antecedente, e, em caso, com a sintaxe da sentença na qual se insere.

Os pronomes relativos concordam com o nome antecedente, apenas em gênero e número; não concordam em caso: o caso depende unicamente da função que o pronome exercer na frase. Se ele for sujeito, irá para o nominativo; se for objeto irá para acusativo [...]. (HORTA, 1943, p. 69)

## **2. Do latim ao português moderno**

Coutinho (1976, p. 259-260) mostra a história dos pronomes relativos em português, afirmando que, no sistema latino de relativização, havia três formas para o pronome relativo: o masculino *qui*, o feminino *quae* e o neutro *quod*. Com a evolução da língua, a flexão de gênero se perdeu, na medida em que as formas masculinas – *qui* (*nominativo*) e *quem* (*acusativo*) – passaram a ser usadas também com antecedentes femininos, substituindo as antigas formas *quae* e *quam* do feminino. Mais tarde, na época do fim do Império Romano, os pronomes relativos ficaram reduzidos às formas: *qui*, *que(m)*, *cui*, *quid* ou *quod*. Assim, no português sobreviveram os acusativos *que(m)* e *que* (< *quid*), *quem* (< *quem*). O autor, ainda, fala que os pronomes *qual* e *quanto* relativo e interrogativo procedem, respectivamente, *quale* e *quantu*, o primeiro indicando qualidade e o segundo tamanho, quantidade. Quanto ao pronome *cujo*, este procede de *cuju(m)*. Resumindo, no português, houve uma redução das formas do relativo graças à redução dos casos e do terceiro gênero.

Quanto à origem dos pronomes relativos, Tarallo (1993, p. 164) notou que os primeiros relativos preenchedores de COMP tinham a mesma raiz das partículas interrogativas e dos indefinidos. Williams (1994, p. 163), citando Bourciez (1910), afirma que muitas formas de relativos interrogativos se perderam em latim vulgar. Atesta, ainda, o autor, que o elemento *o/a* das expressões pronominais relativas *o que*, *a que* etc., vem das formas de acusativo de *ille*. No português antigo, sua forma era por vezes *lo que*. As combinações da preposição *em* com as formas de acusativo de *ille*, usadas como artigo definido, do tipo: *no que*, *na que* etc.

Manoliu-Manea (1985, p. 253-260) chama a atenção para o fato de que a relação entre pronomes relativos e interrogativos se repete em vários grupos de idiomas. Em determinadas línguas românicas, os sucessores de *qui* conservam a capacidade de funcionar como relativo e, às ve-

zes, marcam a distinção [+/- pessoal], mediante a qual recebem informações do nome suprimido. *Qualis*, que marcava a distinção entre masculino e feminino, no latim, perde a capacidade de expressar a diferença [+/- animado] quando funciona como relativo, e mantém a flexão, segundo o gênero do nome. Para a autora, tal inovação parece funcionar de maneira esporádica, podendo se ver a variação em algumas línguas. Por exemplo, a pronúncia do francês *quelli* é idêntica a do masculino *quel*, e em romeno atual, só varia o genitivo-dativo: *cârie*, *cârui*, porém nem sempre; em espanhol, italiano e português, existe uma só forma: *cual*, *quale* e *qual*, respectivamente. A variação genérica se marca mediante o artigo definido que precede o pronome.

Em espanhol e em francês, os sucessores de *qualis* só aparecem depois das preposições. Em espanhol e em português, as preposições polissilábicas exigem o relativo *el(la) cual*; *o(a) qual*, conforme exemplos de (50), extraído de Manoliu-Manea (1985, p. 255):

– Espanhol

(1) “No hallamos fundamento sobre *el cual* podamos entablar demanda, pero hay cierta manera de discurrir de la que muchos sujetos no se dan cuenta”.

(Não achamos fundamento sobre *o qual* podemos iniciar perguntas, porém há certa maneira de discorrer da que muitos sujeitos não se dão conta) tradução nossa.

– Português

(2) Este é um tema sobre *o qual* não há consenso.

A autora ainda chama a atenção que, em francês, prefere-se *qui*, quando a relativa recebe a marca [+ humano]:

(3) “la femme sur les pieds *de qui* j’ai marché”

(A mulher sobre os pés *de quem* eu segui) tradução nossa.

De igual modo, o espanhol prefere *quien* e o português *quem*.

– Espanhol

(4) “(...) y recuerdo a aquel heroico Kierkegaard, *de quien* es Brahms *re-fejo en el arte*”.

– Português

(5) “Feliz é quem tiver netos /*De quem tu sejas avô*”.

Segundo Tarallo (1993, p. 165), as relativas, no latim clássico, apresentavam as seguintes características:

- 1 – as orações adjetivas podiam aparecer desenvolvidas ou reduzidas;
- 2 – COMP não podia aparecer vazio;
- 3 – o antecedente podia aparecer recopiado dentro da relativa, sendo, portanto, duplamente marcado: pelo COMP preenchido e pela cópia;
- 4 – modificadores e especificadores do nome da matriz podiam aparecer na adjetiva, concordando em caso com o pronome relativo;
- 5 – as orações adjetivas, em latim clássico, podiam ser profundamente encaixadas, ou seja, a rica morfologia casual permitia um total distanciamento entre o COMP preenchido e o seu antecedente.

Observa Tarallo (1993, p. 165) que a transposição de modificadores e especificadores de nome da oração principal para dentro da oração subordinada representava uma “contaminação sintática” da oração subordinante na subordinada e vice-versa. Isso permitiu ao antecedente “assumir o caso sintático do pronome relativo em COMP, ou, o pronome relativo em COMP, ao invés de se marcar com caso em relação à sintaxe local da adjetiva, assumia o caso do antecedente” (TARALLO, 1993, p. 165).

Manoliu-Manea (1985, p. 261-262), também assinalando a possibilidade da redundância nas orações relativas, diz que tal prática era frequente nos textos jurídicos latinos, como no seguinte exemplo:

(6) “*litteras missit de uillico P. Septimi, hominis ornati, qui villicus caedem fecerat*”.

(enviou uma notificação relativa ao granjeiro de P. Séptimo, cidadão honrado, *o qual granjeiro parece haver cometido um crime*)<sup>1</sup>.

Além de essas redundâncias serem frequentes e optativas na língua latina, notou-se também que o mesmo fenômeno ocorre nas línguas

---

<sup>1</sup> A tradução do latim para o espanhol foi feita por Manoliu-Manea (1985) e do espanhol para o português por mim (os destaques foram feitos pela autora).

românicas. Observem os exemplos em português e espanhol, respectivamente, exibidos pela autora (cf. p. 261):

(7) “Ao livro ninguém fez referência, o qual *LIVRO* merece a maior consideração, no meu entender”.

(8) “Mandé a mi madre una carta sobre la llegada de Maria, la cual *CARTA* no llegó sin embargo a tiempo”.

(Mandei a minha mãe uma carta sobre a chegada de Maria, a qual *CARTA*, contudo não chegou a tempo). tradução nossa.

Os usos das redundâncias conduziram à ocorrência da pronominalização da repetição, ou seja, o nome repetido foi substituído por um pronome. No latim vulgar, a pronominalização do nome redundante tem como consequência a formação do demonstrativo anafórico, como também demonstra a autora (cf. p. 261).

(9) “[...] quorum eorum unus surrupuit”.

([...] (de) entre os quais um (deles) tinham roubado)<sup>1</sup>.

A autora (cf. p. 262) afirma que, nas línguas românicas, como se verá abaixo nos seus exemplos, o fenômeno se repete, porém nelas o elemento redundante se pronominaliza em forma de pronome pessoal.

– Português

(10) “O homem *que eu falei com ele*”.

– Francês

(11) “Plusieurs femmes... *qui ne laissent par leur chauffe ou elles s'abandonnent*”.

(Várias mulheres... *as quais não deixam sua quentura onde elas se entregam*).

– Espanhol

(12) “Un valle *que toda cosa en él* me daba gloria”.

(Um vale *que toda coisa nele* me dava glória).

---

<sup>1</sup> As traduções do latim para o espanhol foram feitas por Manoliu-Manea (1985) e do espanhol para o português por mim.

– Italiano

(13) “Tu hai un’altra cosa *che non la ho io*”.

(Você tem outra coisa *que eu não a tenho*).

– Romeno

(14) “Mîndra, mîndrulita mea / *care m-am iubit cu ea*”.

(Prenda minha, prenda minha, *que tive amores com ela*)<sup>1</sup>.

Huber (1993, p. 194-197), descrevendo os pronomes relativos no português arcaico, assinala: “*que* (< *quid*): é sempre invariável, pode se referir tanto às pessoas como às coisas e pode colocar-se também depois de preposições”. Além disso, “por vezes encontrava-se simplesmente *que* em vez de *o que*”. (cf. p. 195). Para esse autor, depois de expressões que indicam o tempo, o *que* significa *no qual*, *quando*, *em que* e exemplifica:

(15) “Des aquel tempo *que* vos vi e oi falar”. (cf. p. 195).

(Desde aquele tempo *em que* vos vi e ouvi falar).

Entretanto, pode-se ver, no exemplo acima, abonação do *que* viria a ser chamado de relativa cortadora, que seria, segundo Tarallo (1983), uma inovação do PB surgida no século XIX.

Segundo o autor, os pronomes *o qual* e *a qual* e seus plurais *quaes*, *as quais*, referiam-se a pessoas e coisas, como em:

(16) “meu padre *o qual* me quer dar a marido” (cf. p. 196).

Da mesma forma, *qual*, sem ser precedido de artigo, também era usado com a mesma função. Observem os exemplos (cf. p. 196):

(17) “hua *qual* compria a seu linhagem”

(18) “Querlen duas (donas) per força prender, ou três, ou quatro, *quaes m’escolher*”.

(Daqui quero prender pela força a duas ou três ou quatro damas, *as que eu escolher*. Em rigor: *tais quais eu escolher*)<sup>2</sup>.

O pronome *quem* (*quen*) < *quem* = ‘*aquel(le) que*’ refere-se, geralmente, a pessoas; *cuj*o < *cujus* substitui o genitivo do pronome relati-

<sup>1</sup> A tradução do romeno para o espanhol foi feita por Manoliu-Manea (1985), e do espanhol para o português por mim, assim como as traduções das outras frases.

<sup>2</sup> A tradução do exemplo foi feita por Huber (1993).

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

vo, é um adjetivo relativo com emprego possessivo; *quanto* = ‘*todo quanto*’ = *todo o que*, ‘*tudo o que*’ *quantos* = *todos os que*; e *onde* (< *unde*) = *de que (do qual)*, *de onde*, *por que*, refere-se tanto a pessoa como a coisas. Observem os exemplos (cf. p. 197):

(19) “Amor fez a mim gran bem querer tal molher *ond*’ei sempre mal”.

(20) “Todos m’entenden já mia morte *onde* ei eu a morrer”.

(Todos me notam já a morte *da qual hei de morrer*).<sup>1</sup>.

O pronome *u* (< *ubi*) = *onde*, *no qual (na qual)*, como no exemplo:

(21) *Irei a la fonte u vam os cervos do monte*. (cf. p. 197).

O autor diz, ainda, ser possível encontrar *em que onde*, na realidade, seria de esperar *u*. Observem o exemplo:

(22) “Dom Virgilio fugia de Roma, *em que era muito amigo do emperador*”. (cf. p. 197).

O pronome *d’u* (< *de ubi*) corresponde a:

1 – onde

(23) “Long’estou d’ali d’u *agora é mha senhor*” (cf. p. 197).

2 – donde, do qual:

(24) “O mundo d’u *se foi mia senhor*” (cf. p. 197).

Mattos e Silva (1989, p. 752) noticia que, ao analisar 20% do *corpus* do Diálogo de São Gregório (D.S.G.), datado do século XIV, encontrou 788 subordinadas relativas; dessas, 758 foram introduzidas pelo pronome *que*. Os outros pronomes aparecem, em quantidades bem menores: *quen* (cinco vezes), e *quen quer que* (uma vez), cujo antecedente possa estar implícito no discurso, trazendo sempre o traço semântico [+humano]; *qual* (uma vez) e *quais* (três vezes); *cujo (cujos, cuja, cujas)* (seis vezes). Também se registrou a ocorrência dos relativos locativos *hu* (sete vezes), *hu quer que* (três vezes), *onde* (uma vez), *como* (relativo modal) (três vezes). Nas cinco ocorrências de *quen*, o seu antecedente não estava expresso, o que leva a autora a concordar com Said Ali (1964, p. 109-110) e denomina o pronome relativo *quem* de pronome relativo indefinido.

---

<sup>1</sup> A tradução do exemplo foi feita por Huber (1993).

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Observou-se a ausência de *o qual*, no *corpus* como se verifica no uso atual. Registrou-se apenas o pronome sem que ele viesse precedido de artigo, ou seja, não ocorrem as chamadas formas desenvolvidas do relativo. Observem o exemplo abaixo retirado de Mattos e Silva (1989).

(25) “E depois este gram saber e de tan gram prazer *qual non poderia recudir de nen hua cousa temporal*”. (cf. p. 754).

O relativo *cujo* antecede o nome e concorda com seu antecedente em gênero e número e exercendo a função de complemento nominal de posse.

(26) “Tu que non ás nen huas ordiis sagradas, nem ás lecença do papa sô *cuja merce e sô cujo poderio ouves*, como ousas a pregar e propoer a paravoa de Deus?” (cf. p. 755).

Observou-se também uma estrutura relativa em que *cujo* se apresenta em enunciados com o verbo cópula *ser* e em que funciona como SN predicativo com valor semântico de posse. Esse uso de *cujo* caiu em desuso no curso da história da língua, como se verifica no exemplo abaixo:

(27) “*E o nobre Venancio cuja era a vila*” (a vila era do nobre Venancio) (cf. p. 755).

A autora atesta a presença de *hu* e *onde* e, novamente, concordando com Said Ali (1964, p. 110), considera *hu quer que* um relativo locativo, de estrutura simétrica à *de quen quer que*.

(28) “Como ousas a preegar e propoer a paravoa de Deus *hu quer que* vas, pois lecença do papa non has, nen recebioste nen hũa orden sagrada em que possas a fazer!” (cf. p. 758).

Registrou-se, ainda, o uso de *hu* e *onde*, referindo-se não a lugar, mas sim a tempo.

(29) “Ca, como quer que aqueles que ordiava vida fazen non queiran seer meestres *hu* primeiramente non foron discípulo”. (cf. p. 758).

Nas ocorrências desses dois pronomes, com valor temporal, não há antecedente explícito, como ocorre nos exemplos em que *hu* e *onde* são locativos. Assim sendo, para admiti-los como relativos, é necessário aceitar um SN implícito com valor semântico de tempo que seja seu antecedente.

A autora considera a ocorrência do *como* e o do *quanto* como relativo, conforme exemplos (30) e (31).

(30) “Vejamus as lides novas que o santo homen ouve com o enmiigo e a *como o venceu*”. (cf. p. 759).



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Verificou a autora não ser comum a relativa encaixar-se depois de expresso todo enunciado matriz, distanciando-se do seu antecedente. (cf. p. 765).

(31) “Acharon-no já morto, ca aqueles o levaron consigo / *cuja vista o menino non pode sofrer*”.

Observou-se, ainda, que, nessa sincronia, também ocorria mais de uma subordinada relativa seguida de um mesmo antecedente, conectada ou não pelo *e*, estando obrigatoriamente presente o pronome relativo apenas na primeira. Observem-se exemplos de cada um dos tipos acima referido, respectivamente, retirados de Mattos e Silva (1989, p. 767).

(32) “E por esso disse ao seu messejeiro, / *que avia nome Juiãão, que foi depois bispo na igreja de Sabina / que o trouvesse*”.

(33) “Pois mi tu contastí, padre, tan gram miragre *que el fez e que foi tan apregoado*”.

(34) “Achou monges antigos *que siiam leendo e escrevendo*”.

Mattos e Silva (1989, p. 769) diz que se encontra, também no período arcaico, a presença de relativas com verbos nas formas nominais, ou seja, orações reduzidas, como tradicionalmente são chamadas, sem pronome relativo e com verbo no gerúndio e no infinitivo, conforme respectivos exemplos da autora (cf. p. 769).

(35) “E huu dia vindo el ao moesteiro de San Beento veer seu irmão *a juntou-se no caminho huu companheiro*”<sup>1</sup>.

Observando as construções relativas nos manuscritos do século XV do *Fabulário Português*, Lucchesi (1994) afirma que é possível arrolar uma série de exemplos que refletem uma situação bem semelhante à que foi observada no português contemporâneo. Vejam-se os exemplos arrolados de relativas não restritivas e das restritivas, respectivamente.

(36) “O rrato da cidade, *que ssabia o custume da casa*, fugio loguo”.

(37) “Alguus vilãaos *que hy estauam eçerqua* ouueron gran temor”.

Ainda no manuscrito, Mattos e Silva (1989) pôde observar que o pronome *cujo* é coindexado com o antecedente da relativa, como em (cf. p. 182):

(38) “Deus que nos criou e *em cujo poder somos non chistãao*”.

---

<sup>1</sup> A autora esclarece que *vindo* pode ser: em que vinha ou quando vinha.

Também notou, o autor, que o relativo *cujo* ocorre, como anteriormente dito, num tipo de construção que não é mais encontrado no estágio atual da língua:

(39) “E d’hi a huu certo tempo tornou a cadella *cuja era a casa*”. (cf. p. 183).

Segundo Mattos e Silva (1992, p. 112), analisando a documentação do período arcaico, notou-se ser possível, embora não frequente, o uso do relativo *que* grafado *cá*, da mesma maneira da integrante *que*. Quanto às funções sintáticas, verificou-se que o pronome *que* relativo desempenhava várias funções. Observem-se os exemplos exibidos pela autora:

(40) “Esto Pedro, *que* (OD) ti eu ora quero contar, aprendi-o duu homen muito honrado *a que* (OBL) dezian Fortunado, *con que* (ADJ. ADV.) eu avia gram prazer per razon de idade *que* (OD) avia e per razon das obras *que* (OD) fazia e per razon da simplicidade *em que* (ADJ. ADV.) vivia”. (cf. p. 112).

(41) “E o seu bispo daquela eigraya, *que* (SU) avia nome Constâncio, fez-o trager per totalas eigrayas dos martires *que* (SU) eran en seu bispado”. (cf. p. 112).

O pronome *que*, conforme Câmara Jr. (1976, p. 112), era tido como um relativo primário, em português, e representa, historicamente, um nivelamento do nominativo latino *qui* (masculino), *quae* (feminino), *quod* (neutro) e também dos acusativos *quem*, *quam*, *quod* também, (como anteriormente demonstrado). Assim, pode-se dizer que a partícula *que* se projeta como mecanismo básico de ligação. Também, logicamente, no inventário morfológico dos pronomes relativos, aparecem formas, cuja sobrevivência no sistema, deve-se essencialmente ao conservadorismo da língua escrita (cf. TARALLO, 1990).

Como Mattos e Silva (1989), Lucchesi (1994) chama a atenção para a possibilidade da ocorrência de duas relativas com o nome antecedente. Assim sendo, a primeira será restritiva e a segunda não-restritiva, como no exemplo.

(42) “Devemos tomar exemplo da ave *que há nome taxo, que amarga muito*”.

Tanto na descrição feita por Mattos e Silva (1989, p. 753) como na feita por Lucchesi (1994), não se registrou o uso do morfema *quem* em relativas com antecedente, o que leva o autor a crer que a utilização de *quem* em relativas com antecedente é posterior à época dos textos analisados pelos autores. Nas relativas de preposição + morfema relativo, o

pronome *que* ocorre tanto na sua distribuição atual como na distribuição que é ocupada hoje pelo *quem*.

Diante disso, analisando os exemplos abaixo, é possível perceber que o (43) corresponde ao uso atual do pronome *que*. Já nos exemplos (44) e (45) encontra-se *que* em contextos em que hoje se usaria *quem*. Então, concluiu-se que o relativo *que*, até a sincronia analisada, não era sensível à natureza [+/- humano] do seu antecedente. Com a evolução da língua, o pronome *quem* passa a ser utilizado nesses contextos, havendo, por conseguinte, uma especialização no uso do *que* para antecedente [-humano], o que constitui a situação atual da norma padrão da língua. Vejam exemplos retirados de Lucchesi (1994).

(43) “O homem nom sse deue de trabalhar da cousa *de que nom he meestre*”.

(44) “O que não he, depoy que rreçebe o seruiço, nom sse quer lembrar d’aquell *de que rreçebeo boas obras*”.

(45) “Eu guardo a casa de hüu senhor *com que vivo*”.

Chamando a atenção para a história das relativas, Tarallo (1983, p. 206) afirma que, no PB, houve uma inovação no uso das construções relativas, pois surge na segunda metade do século XIX a relativa cortadora, a qual é caracterizada, além do corte na preposição, pelo corte também na cópia pronominal. Tal observação pode ser comprovada, analisando-se a Tabela 01 abaixo, exibida pelo autor:

**Tabela 01 -  
Frequência de uso das três estratégias de relativização por períodos de tempo.  
período I – datado de 1725; período II – datado de 1770;  
período III – datado de 1825; IV período – datado de 1880**

Estratégia de relativização	I	II	III	IV	TOTAL
Padrão	383 95,7%	384 96,0%	385 96,9%	254 67,1%	1460
Resumptiva	16 04,0%	12 03,0%	9 2,6%	19 05,0%	54
Cortadora	01 0,3%	04 1,0%	06 1,5%	106 27,9%	117
Total	400	400	400	379	1579

A partir da Tabela acima, observa-se que a relativa cortadora é a estratégia que sofreu aumento da sua frequência com o passar do tempo, com respectivas percentagens de 03%, 1,0%, 1,5% e 27,9%, já que em 1725 sua ocorrência era de apenas 0,3% e já em 1880 sua ocorrência conta com um percentual de 27,9%, demonstrando, assim, a progressão da

sua preferência pelos falantes. A estratégia resumitiva apresenta-se com pouca oscilação durante o período, de 04,0% no primeiro período para 05,0% no último. A estratégia padrão apresenta um decréscimo, pois, no primeiro período, obteve 95,7% das ocorrências e, no último, 67,1%.

O autor comprovou, ainda, que o uso do pronome *que*, também na atualidade, no PB, na variedade falada da zona urbana da cidade de São Paulo, aparece quase categoricamente. Observe-se a Tabela 02 abaixo:

**Tabela 02 – Distribuição dos preenchedores de COMP, por números de ocorrências em termos percentuais.**

Preenchedores de COMP	Ocorrências	%
o qual/os quais	-	-
a qual/as quais	-	-
Cujo/cuja/cujos/cujas	-	-
quanto/quanta/quantos/quantas	-	-
Que	1681	98,9
Onde	13	0,7
preposição + que	05	0,3
preposição + o qual	01	0,1
Total	1700	100,0

Verificando-se a Tabela 02 acima, observa-se que, num total de 1700 ocorrências, 1681 (98,9%) aconteceram com o pronome *que*; 13 (0,7%) com o pronome *onde*; 05 (0,3%) com *que* acompanhado de preposição; e 01 (0,1%) ocorrência de *o qual* acompanhado de preposição, os outros pronomes relativos não apareceram. Dessa maneira, não resta dúvidas de que é o pronome *que* é o de maior preferência dos falantes.

### 3. Considerações finais

Analisando-se a história das relativas, foi possível perceber que já no latim, em textos jurídicos, era possível encontrar a presença da cópia na sentença relativa. Além disso, na passagem do latim ao português os pronomes relativos sofreram uma redução do seu elenco, graças à redução casual e à perda de flexão de gênero, que, em latim, além de masculino e feminino, havia o gênero neutro. Além disso, a oração relativa perde a capacidade de extrapolação, ou seja, a capacidade de poder aparecer distante do seu antecedente, o que era possível no latim. Também, deixa de ocorrer a chamada “contaminação linguística”, que permitia ao antecedente assumir o caso sintático do pronome relativo e vice-versa.

Com a passagem do português antigo para o português moderno, percebe-se uma nova redução dos pronomes relativos, já que, como noticia Mattos e Silva (1989) o pronome *que* é usado quase categoricamente; o pronome *cuj*o, por exemplo, perde alguns usos. Alguns pronomes se especializaram, o *que* e o *quem*, quando precedidos de preposição, são usados com antecedente [- humano] e [+ humano], respectivamente.

Na atualidade, nota-se uma manutenção do *que* como um pronome de uso quase categórico. Este fato, cada vez mais vem se confirmando, pois em vários estudos realizados (cf. TARALLO, (1983), BARROS, (2000) e Burgos (2003)) também se verificou que esse pronome é o preferido pelos falantes. Além disso, segundo Tarallo (1983), a partir do século XIX, há uma inovação das construções relativas, no PB, com o surgimento da relativa cortadora, apesar de ser possível notar a sua presença no português antigo, como anteriormente visto, no exemplo (15)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Alvanira Lúcia de. *O uso da relativa cortadora na fala pessoense*. 2000. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BURGOS, Luiz Eduardo Simões de. *Estratégias de uso das relativas em uma comunidade de fala afro-brasileira*. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.

HORTA, Brant. *Latim*. 1. ed. Rio de Janeiro: J. R. de Oliveira, 1943.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Trad. Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n. 12, 1994.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MANOLIU-MANEA, Maria. *Tipología e historia: elementos de sintaxis comparada románica*. Trad. Sarmiza Leahu y Mónica Nedelcu. Madrid: Gredos, 1985.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

TARALLO, Fernando Luiz. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. 273 f. Ph.D. dissertation (degree of Doctor in Linguist) – University of Pennsylvania, Pennsylvania.

TARALLO, Fernando Luiz. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. Antonio Houaiss. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.